

# Memória da escravidão resgatada

O sítio arqueológico do Cais do Valongo, local de chegada dos escravos brasileiros no Brasil Colonial, pode se tornar o primeiro ponto ligado à história afro-brasileira reconhecido como Patrimônio Cultural da Humanidade

» MAX MILLIANO MELO

As pedras, os prédios e os monumentos do Cais do Valongo, na região portuária do Rio de Janeiro, são testemunhas de um dos capítulos mais cruéis da história da humanidade. Pelo local, entraram no Brasil mais de 1,5 milhão de escravos trazidos da África, despidos de seus pertences e suas raízes para trabalhar de maneira forçada no Brasil. A área na capital fluminense — que abrigava o Cemitério dos Pretos Novos, onde os escravos que não resistiam à viagem e morriam antes de serem comercializados eram enterrados — poderá se tornar, nos próximos anos, o primeiro ponto do país reconhecido como Patrimônio Cultural da Humanidade devido a sua importância para a memória da cultura afrobrasileira.

A iniciativa de inscrever o sítio para análise da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), encabeçada por entidades de promoção dos direitos e da cultura dos negros, faz parte de um movimento de resgate da história do período em que a cor da pele podia transformar homens em mercadorias. A região do Valongo esteve durante mais de um século abandonada, até que, nos últimos anos, as obras do projeto Porto Maravilha, que está reurbanizando a região portuária do Rio, esbarraaram nesse sítio arqueológico de singular valor histórico.

No local, os escravos africanos eram mantidos até serem vendidos. Muitos que chegavam debilitados da viagem insalubre nos tumbos — como eram chamados os navios que traziam os negros — morriam e eram enterrados ali mesmo. Debaixo de camadas de asfalto e pedras, foram encontradas milhares de ossadas, instrumentos, acessórios como colares, botões produzidos a partir de ossos bovinos, cachimbos de cerâmica e búzios utilizados em atividades religiosas. Agora, o local está sendo transformado em um museu a céu aberto.

## Vale longo

O nome Valongo foi dado à região em função de uma praia que existia no local até o século 19, quando a região se transformou em um porto. O termo é derivado da expressão “vale longo”. Durante o Brasil Colônia, em função de o Cais do Valongo ser o maior porto escravagista do mundo, o termo passou a designar genericamente os mercados de escravos que existiam no país.

## Cais da Imperatriz

O Cais do Valongo deu lugar, em 1943, ao chamado Cais da Imperatriz. Na ocasião, o lugar foi reformado e urbanizado segundo os preceitos arquitetônicos e urbanísticos da época para receber a fragata de navios que trouxe ao país Teresa Cristina de Bourbon-Duas Sicílias, princesa italiana que se mudou para o Brasil para se casar com o então imperador Dom Pedro II. Dona Teresa Cristina, como ficou conhecida, foi a última imperatriz do Brasil, sendo expulsa do país quando a República foi proclamada, em 1889.

Para especialistas, o esquecimento da região durante todo esse tempo é fruto de um preconceito institucionalizado no Brasil sobre a história negra. “Há museus que mostram o sofrimento dos judeus durante o nazismo. O Japão tem seus museus das bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki. Mas, no Brasil, a nossa maior tragédia humana é silenciada”, observa o presidente da Fundação Cultural Palmares, Eloi Araújo, que participou nessa semana, em Brasília, do seminário internacional Herança, identidade, educação e cultura: Gestão dos sítios e lugares de memória ligados ao tráfico negreiro e à escravidão, realizado pela fundação em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). “Existe um grupo de conservadores que não quer tratar do tema. Olhar a história dos

Max Milliano Melo/Divulgação



Sítio do Cais do Valongo: obras de recuperação da região portuária fluminense trouxeram à tona um importante pedaço da história negra do Brasil

escravos é tratar de uma dor. Precisamos reconhecer que a escravidão não foi um parque de diversões, foi um sofrimento. Não devemos ter vergonha do sofrimento, mas tratar o passado com altivez”, completa.

## Tragédia global

O resgate da memória do período da escravidão ganhou força nos últimos anos quando a Unesco criou o Projeto Rota dos Escravos, uma iniciativa de resgate histórico e estímulo à preservação de lugares-chave da história da escravidão. “A tragédia da escravidão foi, por muitos anos, silenciada em grande parte do mundo. Mesmo na África há muitos lugares em que as pessoas não querem falar sobre isso porque há uma vergonha. Por essa razão, essas memórias sempre foram sufocadas”, explica Ali

Moussa-Iye, diretor do projeto. “Isso me parece um paradoxo, já que a escravidão foi a maior tragédia na história da humanidade em número de vítimas. Foram dezenas de milhões de pessoas, sem contar aqueles que morreram durante a captura e na viagem pelo Atlântico”, afirma.

Apesar de sua dimensão teórica, e de ter afetado definitivamente a história da humanidade, falar sobre a escravidão é uma tarefa muitas vezes dolorosa, chocante, mas necessária, segundo o especialista da Unesco. “A escravidão foi uma tragédia de impacto global, não apenas para a África, a Europa e a América, mas também para a Ásia e o Oriente Médio. Por isso é importante que o maior número possível de pessoas conheçam a história”, prossegue. “Elas precisam entender as influências globais

e as consequências dessa tragédia em nossa sociedade contemporânea. Resgatá-la, por mais difícil que seja, é uma forma de contribuir para a reconciliação mundial, uma forma de promovermos a convivência em um mundo cada vez mais multicultural.”

A redescoberta do Cais do Valongo e a revalorização da história da escravidão coincidem, não por acaso, com as vésperas da Década Internacional dos Afrodescendentes, estabelecida pelas Nações Unidas. O período, de 2013 a 2022, será dedicado a ações para a promoção da cidadania, da memória e da cultura afro. “Estamos avançando. Sem rancor nem mágoa, tenho o sonho de que a memória produza um resultado nas consciências e nas ações dos governantes, que promova a igualdade”, completa Eloi Araújo, da Fundação Palmares.

Carlos Silva/Esp. CB/D.A Press - 15/10/10



**No Brasil, a nossa maior tragédia humana é silenciada**

**Eloi Araújo,**  
presidente da Fundação Cultural Palmares

## » Tubo de ensaio | Fatos científicos que marcaram a semana

### » SEGUNDA-FEIRA, 20 CALOR DE MATAR

Os bombeiros italianos tiveram que combater 127 incêndios que devastaram florestas e zonas agrícolas na Itália, país que registra a mais longa onda de calor em sua história recente, com três meses marcados por temperaturas de até 40°C. As autoridades fizeram um apelo à população para que tome medidas adequadas contra a onda de calor. Os especialistas temem que a longa estiagem afete as produções de vinho e de azeite de oliva. A Itália está sendo atingida pelo anticiclone Lúifer, o mais forte do verão, depois do Calígula. Sete ondas de calor consecutivas desde junho, provenientes do Deserto do Saara, atingiram a península e, segundo o climatologista Giampiero Maracchi, são fruto das mudanças climáticas em curso.

### » TERÇA-FEIRA, 21 ANTIBIÓTICO ENGORDA

Dar antibióticos a bebês com menos de 6 meses pode levá-los a ser crianças gordinhas, de acordo com um estudo publicado pela Escola de Medicina da Universidade de Nova York, o primeiro a analisar a relação entre esse tipo de medicamento e a massa corporal na infância. Os pesquisadores avaliaram o uso de antibióticos em 11.532 crianças nascidas na região de Avon, na Grã-Bretanha, em 1991 e 1992, que participam de um estudo de longo prazo sobre saúde e desenvolvimento. Eles descobriram que aquelas tratadas com antibióticos nos primeiros 5 meses tinham um peso maior na proporção com a altura em relação às que não foram expostas a esses medicamentos. Aos 38 meses, as crianças que receberam antibióticos tinham 22% mais chances de estar com sobrepeso.

Martin Bureau/AFP - 5/6/10



### DEGELO SURPREENDENTE

A cobertura de gelo no Ártico está derretendo a uma velocidade muito rápida e pode encolher ao seu menor nível em questão de semanas, à medida que as temperaturas do planeta subirem, alertaram pesquisadores da Universidade do Colorado em Boulder. Ele disseram que a cobertura de gelo no verão ártico se aproximava do menor nível registrado, mesmo antes do fim da temporada de degelo. “Os números estão chegando e os recebemos com um sentimento de assombro”, disse Mark Serreze, diretor do Centro de Dados Nacional de Gelo e Neve, vinculado à universidade. O recorde foi registrado em 2007, quando a cobertura de gelo encolheu 4,25 milhões de quilômetros quadrados, causando espanto entre os cientistas que não tinham previsto um degelo dramático tão cedo.

### » QUARTA-FEIRA, 22 PLANETA “ENGOLIDO”

Astrônomos encontraram evidências de um planeta que teria sido “devorado” por sua estrela, dando fôlego a hipóteses sobre qual poderia ser o destino da Terra daqui alguns bilhões de anos. Eles também acreditam que um planeta sobrevivente que ainda gira em torno dessa estrela poderia ter sido lançado a uma órbita incomum pela destruição do planeta vizinho. A equipe, formada por americanos, poloneses e espanhóis, fez a descoberta quando estava estudando a estrela BD 48 740 — de uma classe estelar conhecida como gigantes vermelhas. As observações foram feitas com o telescópio Hobby Eberly, no Observatório McDonald, no Texas.

Reuters



### QUINTA-FEIRA, 23 CARVÃO PRÓXIMO A CORAIS

O governo federal australiano autorizou o desenvolvimento de uma gigantesca mina de carvão, de propriedade do grupo indiano GVK, mas impôs drásticas condições para proteger o meio ambiente e a Grande Barreira de Coral (foto). A Alpha Coal, na Baía da Galileia, no estado de Queensland, produzirá quase 30 milhões de toneladas de carvão térmico por ano a partir de 2015. O investimento inicial é de US\$ 6,3 bilhões. O ministro do Meio Ambiente, Tony Burke, que havia manifestado sérias dúvidas, aprovou o projeto com 19 condições para proteger a região. “Minha decisão é baseada em uma avaliação exaustiva e rigorosa do projeto, depois de consultar meus serviços e ouvir opiniões científicas independentes”, justificou. A GVK tem como sócio o grupo australiano Hancock Coal. As duas empresas terão que adotar um programa para proteger a fauna e a flora da região.